

Pastore: moratória pode acabar

RIO
AGÊNCIA ESTADO

A recuperação das reservas brasileiras e os saldos de balança comercial da ordem de US\$ 1,4 bilhão mensais permitem que o Brasil suspenda já a moratória sobre os juros da dívida externa e volte a pagar aos bancos, "para não dificultar o diálogo com os credores". Foi o que disse ontem, no Rio, o ex-presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, para quem "a moratória não é um instrumento de negociação. Ela foi necessária porque não havia dinheiro. Agora, as reservas estão altas e o Brasil pode voltar a pagar".

Pastore fez essas afirmações em entrevista logo após sua palestra no Seminário sobre a Conversão da Dívida Externa em Capital

de Risco, promovido pela Câmara Americana de Comércio, no Rio. Segundo ele, um pagamento simbólico ou qualquer esforço do País no sentido de recomençar a pagar anula totalmente a hipótese de rebaixamento do Brasil "à condição de mau pagador. Não sei se o Brasil será rebaixado se não pagar", disse Pastore. "É certo que se começar a pagar não será rebaixado."

Na sua palestra sobre a conversão da dívida em capital de risco, o economista assinalou que a conversão não representa a solução para todos os problemas, "mas é uma boa alternativa para as necessidades de financiamento de longo prazo da economia brasileira". Segundo as estimativas de Pastore, o País pode receber de US\$ 1 bilhão a US\$ 2 bilhões em capital de risco

por conta da conversão, durante dez anos.

Pastore disse que é contra a regulamentação do processo de conversão da dívida no sentido de dirigir investimentos para determinados setores ou regiões como o Norte-Nordeste. Para ele, a direção dos investimentos deve ficar por conta das leis do mercado. Pastore também considerou "um contrassenso" a conversão da dívida para capitalizar empresas estatais, justamente quando se discute a privatização das empresas ineficientes. Quanto ao impacto da conversão sobre a base monetária, o economista reconheceu que a questão é complexa, mas pode ser administrada melhorando-se a eficiência do Estado e controlando-se melhor os seus gastos e o déficit público.

JUROS MAIS ALTOS

O vice-presidente de Operações Internacionais do Banco do Brasil, Adroaldo Moura e Silva, advertiu que a conversão de um volume expressivo da dívida brasileira em capital de risco vai implicar a alta da taxa de juros internacionais e que isso poderá anular os ganhos da economia brasileira em termos de investimento de longo prazo. Para ele, a conversão é uma iniciativa importante, mas devem ser cuidadosamente avaliados os riscos de desorganização da política monetária.

Adroaldo Moura fez essas afirmações também no Seminário sobre a Conversão da Dívida Externa promovido pela Câmara Americana de Comércio. O diretor do BB assinalou que o principal problema para todos os projetos de conversão, em termos globais, está na internação dos recursos e na geração da sua contrapartida em cruzados.



Fernando Bueno

Pastore e Quintela no congresso sobre a dívida externa